

Família e Uniões de LGBT+: desafios teológicos e pastorais

Family and LGBT+ Unions: theological and pastoral challenges

Luís Corrêa Lima

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUC-Rio, Brasil

Resumo

No ensinamento da Igreja Católica, a família sempre ocupa um lugar central como comunidade de amor e de vida. Ela tem como fundamento a união indissolúvel entre um homem e uma mulher, e como modelo a Sagrada Família, constituída por Jesus, Maria e José. A sociedade contemporânea traz novas configurações e situações da vida familiar, entre as quais as uniões formadas por pessoas LGBT+. Mais e mais, estas novas configurações aparecem nas comunidades cristãs. Para se refletir sobre esta realidade e buscar caminhos pastorais para melhor inclusão e integração, são de grande valia as contribuições do pontificado de Francisco. Ele se empenha por uma Igreja em saída, que vá às periferias existenciais. Traz novos matizes no ensinamento da Igreja, seguindo a linha do Concílio Vaticano II, sobre a liberdade e a autonomia da consciência, a evolução da doutrina e a hierarquia de verdades. Ele convocou o Sínodo dos Bispos sobre a Família, publicou uma exortação pós-sinodal, deu exemplos marcantes na linha do acolhimento e também dá alguns passos na mudança doutrinária. As palavras e os gestos do papa abrem caminhos promissores na complexa relação entre a Igreja e as uniões de LGBT+.

Palavras-chave

Papa Francisco.
*Evangelii
Gaudium*.
Sínodo dos
Bispos.
*Amoris
Laetitia*.
Ideologia de
gênero.

Abstract

In the teaching of the Catholic Church, the family always occupies a central place as a community of love and life. It is based on the indissoluble union between a man and a woman, and as a model the Holy Family, consisting of Jesus, Mary and Joseph. Contemporary society brings new configurations and situations of family life, including unions formed by LGBT+ people. More and more, these new configurations appear in Christian communities. In order to reflect on this reality and seek pastoral paths for better inclusion and integration, the contributions of Francis' pontificate are of great value. He strives for a Church on the way out, going to the existential peripheries. It brings new nuances to the Church's teaching, following the line of the Second Vatican Council, on the freedom and autonomy of conscience, the evolution of doctrine and the hierarchy of truths. He convened the Synod of Bishops on the Family, published a post-synodal exhortation, gave outstanding examples in the line of reception and also takes some steps in doctrinal change. The Pope's words and gestures open promising paths in the complex relationship between the Church and LGBT+ unions.

Keywords

Pope Francis.
*Evangelii
Gaudium*.
Synod of
Bishops.
*Amoris
Laetitia*.
Gender
Ideology.

Introdução

A Igreja Católica sempre prezou a família fundada sobre a união exclusiva e indissolúvel entre um homem e uma mulher. O seu modelo e inspiração é a Sagrada Família constituída por Jesus, Maria e José. O Concílio Vaticano II ensina que a família cristã, nascida do matrimônio que é imagem e participação da aliança de amor entre Cristo e a Igreja, manifesta a presença viva do Salvador no mundo e a autêntica natureza da Igreja, quer por meio do amor dos esposos, quer pela sua generosa fecundidade, unidade e fidelidade, quer pela amável cooperação de todos os seus membros¹. A autoridade civil é exortada a reconhecer, proteger e favorecer a sua verdadeira natureza, assegurar a moralidade pública e fomentar a prosperidade doméstica. Aqueles que por infelicidade não beneficiam de uma família também devem ser protegidos e ajudados convenientemente, por meio de uma providente

¹ CONCÍLIO VATICANO II. *Constituição pastoral Gaudium et Spes sobre a Igreja no mundo atual*. Roma, 1965, n. 48.

legislação e de iniciativas várias².

A realidade do mundo contemporâneo traz novas situações e configurações familiares, diferentes do conceito e do ideal de família da Igreja. Em alguns países, incluindo o Brasil, o número destas novas configurações somadas ultrapassam o modelo tradicional. Os bispos brasileiros abordaram este tema ao tratar da renovação pastoral das paróquias. Com realismo e sensibilidade, eles constataram:

Nas paróquias participam pessoas unidas sem o vínculo sacramental, outras estão numa segunda união, e há aquelas que vivem sozinhas sustentando os filhos. Outras configurações também se constata, como avós que criam netos ou tios que sustentam sobrinhos. Crianças são adotadas por pessoas solteiras ou do mesmo sexo, que vivem em união estável³.

Os bispos exortam a Igreja, família de Cristo, a acolher com amor todos os seus filhos. Conservando o ensinamento cristão sobre a família, é necessário usar de misericórdia. Notam que muitos se afastaram e continuam se afastando das comunidades porque se sentiram rejeitados, porque a primeira orientação que receberam consistia em proibições e não em viver a fé em meio à dificuldade. Na renovação paroquial, deve haver conversão pastoral para não se esvaziar a Boa Nova anunciada pela Igreja e, ao mesmo tempo, não deixar de se atender às novas situações da vida familiar. “Acolher, orientar e incluir nas comunidades aqueles que vivem numa outra configuração familiar são desafios inadiáveis”⁴.

As pessoas do mesmo sexo vivendo em união estável podem ser gays, lésbicas ou bissexuais. Junto com travestis, transexuais e outros (LGBT+) compõem a chamada diversidade sexual e de gênero. Esta parcela da população se tornou bem mais visível nas últimas décadas, reivindicando cidadania através da igualdade e da proteção contra discriminação. No Brasil, as uniões entre pessoas do mesmo sexo são consideradas família pelo Estado, que também reconhece o matrimônio entre elas. Muitos LGBT+ são pessoas

² CONCÍLIO VATICANO II, GS, n. 52.

³ CNBB. *Comunidade de comunidades: uma nova paróquia*. Brasília: CNBB, 2014, n. 217.

⁴ CNBB, 2014, n. 218.

nascidas e criadas na Igreja Católica ou em outras igrejas cristãs, têm fé e talentos a serem multiplicados, para o bem da Igreja e da sociedade. Qual é então o caminho melhor para acolhê-los, orientá-los e incluí-los? Algumas reflexões sobre família e uniões dos LGBT+ podem ajudar.

Sobre a história da família e a novidade do pontificado de Francisco

Família e matrimônio, como a Igreja Católica entende, resultam de uma longa história enraizada na tradição judaico-cristã e no mundo mediterrâneo. O conceito de família e algumas de suas características eram comuns em diversos povos desta região. O termo família é oriundo do latim *famulus*, que significa escravo doméstico. Este termo é da Antiguidade romana, de tribos ligadas à agricultura, onde a escravidão era legalizada. Originalmente, família é o conjunto de escravos vivendo sob um mesmo teto. Ela se baseava no casamento, nos vínculos de sangue e na propriedade, constituída pelos cônjuges, seus filhos e seus escravos. O domínio do homem - marido, pai e senhor - era incontestável⁵.

Na tradição judaico-cristã, a mulher era propriedade do marido ou do pai, assim como a casa, o escravo, a escrava, o boi e o jumento, conforme consta no Decálogo (Ex 20,17). Um pai podia vender sua filha como escrava (Ex 21,7). O matrimônio era um acordo entre chefes de família, prescindindo do consentimento dos cônjuges. É o caso de Maria de Nazaré, prometida em casamento a um homem chamado José (Lc 1,27). O homem podia ter mais de uma esposa, como o patriarca Jacó, e a função dela era gerar descendentes para a família do esposo. Caso a esposa ficasse viúva e sem filhos, ela teria que se casar com o cunhado, irmão do esposo falecido, para cumprir esta função (Dt 25,5-10). Com o tempo, o matrimônio foi se tornando monogâmico. Mesmo afirmando a dignidade do homem e da mulher, criados à imagem de Deus e redimidos por Cristo, o domínio masculino é nítido. O marido é a

⁵ AZEREDO, C. *O conceito de família: origem e evolução*. Instituto Brasileiro de Direito de Família (IBDFAM), 2020. Disponível em: <ibdfam.org.br>.

cabeça da mulher, como Cristo é a cabeça da Igreja (Ef 5,23). Este domínio, porém, não deve ser arbitrário ou despótico, pois se espelha na autoridade de Cristo sobre Igreja. Ele a amou e se entregou por ela (Ef 5,25). Cristo exerce sua autoridade na *diakonia*, no serviço: “o Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos” (Mc 10,45).

Muito tempo depois, no século XII, surge na cristandade ocidental o direito eclesiástico com o Decreto de Graziano, incluindo normas matrimoniais. Uma novidade sem precedentes é introduzida: o consentimento dos cônjuges como condição necessária para a validade do matrimônio. O domínio masculino no matrimônio, entretanto, atravessou muitos séculos sem contestação. Ainda no século XX, o papa Pio XI chegou a dizer que a sujeição da mulher ao marido pode variar segundo a diversidade de pessoas, tempos e lugares. Mas em nenhum tempo e lugar é lícito subverter ou prejudicar esta estrutura essencial da família e sua lei estabelecida por Deus⁶.

Neste mesmo século XX, no entanto, o modelo patriarcal de família com o domínio masculino declinou em muitos países. A Declaração Universal dos Direitos Humanos, promulgada pela Organização das Nações Unidas em 1948, estabeleceu o livre consentimento dos cônjuges na contração do matrimônio, e também a igualdade de seus direitos nesta união⁷. A Igreja Católica, por sua vez, a partir do pontificado de João XXIII, considera a Declaração da ONU um ato de altíssima relevância, aprecia o ingresso da mulher na vida pública como um importante sinal dos tempos, bem como a sua reivindicação de paridade de fato e de direito com o homem⁸. Portanto, a família como instituição remete a uma longa história de continuidades e mudanças, que não terminou e que tem hoje novos horizontes e desafios. As outras configurações familiares, incluindo as uniões dos LGBT+, precisam ser consideradas à luz da Boa Nova e da contemporaneidade.

A relação da Igreja Católica com os LGBT+ inegavelmente vive um momento novo com o pontificado de Francisco. Quando ele retornou do Brasil a Roma, em 2013, disse algo que teve muita repercussão: “Se uma pessoa é

⁶ PIO XI. *Carta encíclica Casti Connubii sobre el matrimonio cristiano*. Roma, 1930, n. 10.

⁷ *Declaração Universal dos Direitos Humanos*. Nova Iorque: ONU, 1948, Art. XVI.

⁸ JOÃO XXIII. *Carta encíclica Pacem in Terris*. Roma, 1963, n. 142 e 41; CONCÍLIO VATICANO II, GS, n. 9.

gay, procura o Senhor e tem boa vontade, quem sou eu para a julgar? [...] Não se devem marginalizar estas pessoas por isso”⁹. Esta declaração é inédita na boca de um papa. Em vez do termo homossexual, comum no discurso eclesiástico e que por muito tempo esteve ligado à patologia, ele emprega o termo gay e de modo favorável. Francisco retoma o ensinamento do Concílio Vaticano II sobre a liberdade e a autonomia da consciência. Trata-se do direito de a pessoa agir segundo a norma reta da sua consciência, e o dever de não agir contra ela¹⁰. Nela está o “sacrário da pessoa”, onde Deus está presente e se manifesta. Pela fidelidade à voz da consciência, os cristãos estão unidos aos outros homens no dever de buscar a verdade, e de nela resolver os problemas morais que surgem na vida individual e social¹¹. O papa traz este ensinamento do Concílio para a realidade de gays e lésbicas.

Francisco impulsiona a Igreja Católica a viver um tempo de renovação pastoral. Ele a convoca a ser uma “Igreja em saída”, a ir a todas as periferias que precisam da luz do Evangelho¹², ao encontro dos que sofrem com as diversas formas de injustiças, conflitos e carências. A Igreja deve ser a casa paterna onde há lugar para todos que enfrentam fadigas em suas vidas. O papa defende as mães solteiras que querem batizar seus filhos e enfrentam a “alfândega” criada por religiosos rigoristas. Todos podem participar da vida eclesial e fazer parte da comunidade. As portas dos sacramentos não devem se fechar por qualquer razão, a começar pelo primeiro: o batismo. A Eucaristia, plenitude da vida sacramental, não é um prêmio para os perfeitos, mas um remédio generoso e um alimento para os fracos, para os que necessitam de forças¹³.

O ensinamento sobre a evolução da doutrina, presente no Concílio Vaticano II, é retomado e desenvolvido. O conhecimento da verdade é progressivo, afirma o papa, mencionando São Vicente de Lérins¹⁴, um dos padres da Igreja do século V. A compreensão do homem muda com o tempo e

⁹ FRANCISCO. *Encontro do santo padre com os jornalistas durante o voo de regresso do Brasil*. 28 jun. 2013.

¹⁰ CONCÍLIO VATICANO II. *Declaração Dignitatis Humanae sobre a liberdade religiosa*. Roma, 1965, n. 3.

¹¹ CONCÍLIO VATICANO II, GS, n. 16.

¹² FRANCISCO. *Exortação apostólica Evangelii Gaudium*. Roma, 2013, n. 20-24.

¹³ FRANCISCO, EG, n. 47.

¹⁴ FRANCISCO. *Entrevista ao papa Francisco*: Pe. Antonio Spadaro. 19 ago. 2013.

sua consciência se aprofunda. Recorde-se o tempo em que a escravatura era aceita e a pena de morte era admitida sem nenhum problema. Os exegetas e os teólogos, como também as outras ciências e sua evolução, ajudam a Igreja a amadurecer o próprio juízo. Como consequência, há normas e preceitos eclesiais secundários que em outros tempos foram eficazes, mas que hoje perderam valor ou significado. E conclui: “uma visão da doutrina da Igreja como um bloco monolítico a ser defendido sem matizes é errada”¹⁵.

Ele não elencou todas as normas e todos os preceitos secundários que, em meio à evolução da teologia e das ciências, perderam seu valor. Mesmo porque este processo é dinâmico, envolve consensos eclesiais e sempre articula permanências e mudanças. Mas Francisco aponta para a teologia e para a evolução das ciências como agentes do amadurecimento da Igreja. O que os apóstolos de Jesus transmitiram à Igreja, a tradição apostólica, progride sob a assistência do Espírito Santo. Ao longo dos séculos, a Igreja tende continuamente para a plenitude da verdade divina¹⁶. A teologia e as ciências profanas conduzem os fiéis a uma vida de fé mais pura e adulta¹⁷. Há uma ordem ou hierarquia de verdades na doutrina católica, segundo o nexo destas verdades com o fundamento da fé cristã. Alguns pontos são mais importantes porque estão estreitamente ligados a este fundamento. Outros, por sua vez, são menos importantes porque estão menos ligados a ele¹⁸. Quando o Catecismo da Igreja Católica completou 25 anos, o papa reiterou o aspecto dinâmico e progressivo do ensinamento da Igreja: “Não se pode conservar a doutrina sem fazê-la progredir, nem se pode prendê-la a uma leitura rígida e imutável, sem humilhar a ação do Espírito Santo”¹⁹.

A hierarquia de verdades é válida, diz o papa, tanto para os dogmas de fé como para os demais ensinamentos da Igreja, incluindo a doutrina moral. Na mensagem moral, há uma hierarquia nas virtudes e nas ações. A

¹⁵ FRANCISCO. *Entrevista*, 19 ago. 2013.

¹⁶ CONCÍLIO VATICANO II. *Constituição dogmática Dei Verbum sobre a revelação divina*. Roma, 1965, n. 8.

¹⁷ CONCÍLIO VATICANO II, GS, n. 62.

¹⁸ CONCÍLIO VATICANO II. *Decreto Unitatis Redintegratio sobre o ecumenismo*. Roma, 1964, n. 11.

¹⁹ FRANCISCO. *Discurso do papa Francisco aos participantes no encontro por ocasião do XXV aniversário do Catecismo da Igreja Católica*. Promovido pelo Pontifício Conselho para a Promoção da Nova Evangelização. Roma, 11 out. 2017.

misericórdia é a maior das virtudes. As obras de amor ao próximo são a manifestação externa mais perfeita da graça interior do Espírito. Os preceitos dados por Cristo e pelos Apóstolos ao povo de Deus são pouquíssimos. E os preceitos adicionados posteriormente pela Igreja devem ser exigidos com moderação, para não tornar pesada a vida aos fiéis e nem transformar a religião numa escravidão²⁰.

Nesta moral matizada que Francisco expõe tem grande importância o bem possível. Sem diminuir o valor do ideal evangélico, é preciso acompanhar, com misericórdia e paciência, as possíveis etapas de crescimento das pessoas, que vão se construindo dia a dia. Um pequeno passo no meio de grandes limitações humanas pode ser mais agradável a Deus do que uma vida externamente correta, de quem não enfrenta maiores dificuldades²¹. A consolação e a força do amor salvador de Deus devem chegar a todos. Deus opera misteriosamente em cada pessoa, para além de seus possíveis defeitos e quedas. Um coração missionário não renuncia ao bem possível, ainda que corra o risco de sujar-se com a lama da estrada²².

Um exemplo da relação entre o ideal evangélico e o bem possível é o das mulheres em circunstâncias extremas. Francisco fez um interessante e inesperado elogio à mulher paraguaia, que ele considera “a mais gloriosa da América Latina”. Isto porque após a Guerra do Paraguai – contra o Brasil, a Argentina e o Uruguai entre 1864 e 1870 – sobraram no Paraguai oito mulheres para cada homem. E as mulheres paraguaias fizeram uma escolha difícil e arriscada: ter filhos para salvar a pátria, a cultura, a fé e a língua²³. O papa elogiou uma prática extramatrimonial de procriação, feita em escala nacional numa situação de tragédia devastadora. Estas mulheres são consideradas mais gloriosas do que todas as outras, incluindo as que vivem no modelo tradicional de família. Com isto, Francisco não contraria a moral católica e nem diminui o apreço pelo matrimônio, mas mostra corajosamente o amplo alcance da busca do bem possível no campo da moral.

A gradualidade na aplicação da lei moral não é um elemento novo na

²⁰ FRANCISCO, *EG*, n. 36-37 e 43.

²¹ FRANCISCO, *EG*, n. 44.

²² FRANCISCO, *EG*, n. 44-45.

²³ FRANCISCO. *Encontro...*, 28 jun. 2013.

doutrina, incluindo o que se refere à castidade. A busca do bem possível muitas vezes impele os fiéis a trilharem um caminho progressivo, de crescimento em etapas passando por fases marcadas pela imperfeição e até pelo pecado, conforme ensina o Catecismo²⁴. Mas esta gradualidade é quase desconhecida em muitos ambientes católicos e deveria ser ensinada de forma mais ampla. Muitas vezes há um triunfo do tudo ou nada, do idealismo estéril sem paciência e sem misericórdia. O papa é contundente contra esta rigidez: “fujam dos padres rígidos! Eles mordem!”²⁵.

A novidade de seu pontificado em relação aos LGBT+ vai além de documentos magisteriais. Está também em gestos públicos e palavras no acolhimento destas pessoas, que são exemplos positivos e inspiradores. No início de 2015, ele recebeu em sua casa a visita do transexual espanhol Diego Neria e de sua companheira Macarena, deixando-se fotografar com ambos. A história de vida de Diego tornou-se então conhecida, mostrando o preconceito atroz que muitos transgênero sofrem e como se pode enfrentá-lo.

Diego nasceu com genital feminino, mas desde criança sentia-se homem. Seu cérebro e sua autopercepção não correspondiam ao restante do corpo. No Natal, Diego escrevia aos reis magos pedindo como presente tornar-se menino. Ao crescer, resignou-se à sua condição. “Minha prisão era meu próprio corpo, porque não correspondia absolutamente ao que minha alma sentia”, confessa. Ele escondia esta realidade o quanto podia. Sua mãe pediu-lhe que não mudasse o seu corpo enquanto ela vivesse. E ele acatou este desejo até a morte dela. Quando ela morreu, Diego tinha 39 anos. Um ano depois, ele começou o processo transexualizador. Na igreja que frequentava, despertou a indignação de pessoas: “como se atreve a entrar aqui na sua condição? Você não é digno”. Certa vez, chegou a ouvir de um padre em plena rua: “você é filha do diabo”! Mas felizmente teve o apoio do bispo de sua diocese, que lhe deu ânimo e consolo. Isto encorajou Diego a escrever ao papa Francisco e a pedir um encontro com ele. O papa o recebeu e o abraçou no Vaticano, na presença da sua companheira, com palavras que lhe

²⁴ CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. Roma, 1997, n. 2343.

²⁵ FRANCISCO. *Discurso do papa Francisco aos participantes no congresso promovido pela congregação para o clero*, por ocasião do cinquentaenário dos decretos conciliares *Optatam Totius e Presbyterorum Ordinis*. Roma, 20 nov. 2015.

trouxeram grande conforto. Hoje, Diego Neria é um homem em paz²⁶.

Nos Estados Unidos, Francisco recebeu na nunciatura apostólica o seu antigo aluno e amigo gay Yayo Grassi, e o companheiro dele. Grassi já tinha apresentado o seu companheiro ao papa dois anos antes. Este relacionamento nunca foi problema na amizade entre Grassi e Francisco. Também o chileno Juan Carlos Cruz, gay e vítima de abuso sexual por um sacerdote, foi recebido pelo pontífice, com quem conversou longamente em particular. Francisco lhe disse: “Juan Carlos, que você é gay não importa. Deus te fez assim e te ama assim, e eu não me importo. O Papa te ama assim. Você precisa estar feliz como você é” - conforme relatou Cruz²⁷. Esta afirmação de valor inestimável não é um pronunciamento oficial, constando no site do Vaticano, mas uma conversa particular do papa que veio a público.

Um jornalista perguntou a Francisco o que ele diria a uma pessoa transgênero, e se ele como pastor e ministro a acompanharia. O papa respondeu que tem acompanhado pessoas homossexuais e transgênero, lembrando o caso de Diego, e exortou: “as pessoas devem ser acompanhadas como as acompanha Jesus. [...] em cada caso, acolhê-lo, acompanhá-lo, estudá-lo, discernir e integrá-lo. Isto é o que Jesus faria hoje”²⁸. A história de Diego não é a exaltação do individualismo liberal, nem a busca desenfreada do prazer, nem a autossuficiência humana que se rebela contra a obra do Criador, como certo rigorismo doutrinário pode interpretar. Mas mostra a verdade interior da pessoa que vem à tona, como na vida de tantos LGBT+.

Diego Neria não foi repreendido pelo papa por ter feito o processo de transexualização, nem por ter se casado depois com uma mulher. Grassi e Cruz não ouviram de Francisco que a tendência homossexual é objetivamente desordenada, podendo conduzir a atos intrinsecamente desordenados e reprováveis, conforme o Catecismo²⁹. Com isto, não se pode dizer que Francisco menospreza os documentos doutrinários da Igreja, mas nestas

²⁶ HERNÁNDEZ, A. El bendito encuentro entre Francisco y Diego. *Hoy*, 26 jan. 2015. Disponível em: <www.hoy.es>.

²⁷ CUÉ, C. El Papa me pidió perdón, está espantado con los abusos, esto es un tsunami. *El país*, 19 mai. 2018. Disponível em: <www.elpais.com>.

²⁸ FRANCISCO. *Conferência de imprensa do santo padre durante o voo Baku-Roma*. 2 out. 2016.

²⁹ CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, n. 2357-2359.

questões ele se volta para o que é pastoralmente mais importante: a bondade da criação divina, o amor incondicional de Deus, a acolhida da pessoa e a autonomia de sua consciência. Estes exemplos mostram o que é acolher e não julgar, e valem mais que muitas palavras. Se todos os pais e familiares de pessoas LGBT+ seguissem o exemplo deste papa, recebendo-os em suas casas com seus respectivos companheiros, vários problemas dessa população seriam resolvidos.

A abertura do pontificado de Francisco inclui a exortação aos teólogos a prosseguirem no caminho do Concílio Vaticano II, de “releitura do Evangelho na perspectiva da cultura contemporânea”³⁰. Estudar e ensinar teologia deve significar “viver em uma fronteira”, onde o Evangelho encontra as necessidades das pessoas às quais é anunciado de maneira compreensível e significativa. Deve-se evitar uma teologia que se esgote em disputas acadêmicas ou que contemple a humanidade a partir de um castelo de cristal. Ela deve acompanhar os processos culturais e sociais, especialmente as transições difíceis, assumindo os conflitos que afetam a todos. Os bons teólogos, como os bons pastores, devem ter “cheiro de povo e de rua”, e com sua reflexão derramar “óleo e vinho nas feridas dos homens”, como o bom samaritano do Evangelho³¹.

Para o papa, o teólogo deve enfrentar o trabalho árduo de distinguir a mensagem de vida da sua forma de transmissão, dos elementos culturais nos quais em um determinado tempo esta mensagem foi codificada. Não fazer este exercício de discernimento leva inevitavelmente a trair o conteúdo da mensagem. Faz com que a Boa Nova, verdadeiro sentido do Evangelho, deixe de ser nova e deixe de ser boa, tornando-se uma palavra estéril, vazia de toda sua força criadora, curadora e ressuscitadora. Assim se coloca em perigo a fé das pessoas de nosso tempo. A doutrina cristã não deve ser um sistema fechado, privado de dinâmicas capazes de gerar interrogações, dúvidas e questionamentos. Pelo contrário, ela tem rosto, corpo e carne, que se chama Jesus Cristo. É sua vida que é oferecida de geração em geração a todos os

³⁰ FRANCISCO. *Carta do papa Francisco por ocasião do centenário da Faculdade de Teologia da Pontifícia Universidade Católica argentina*. 3 mar. 2015.

³¹ FRANCISCO, 3 mar. 2015.

seres humanos, em todas as partes do mundo³².

A Exortação Pós-sinodal *Amoris Laetitia*

Até o momento, a principal referência do pontificado de Francisco no ensinamento sobre a família é a Exortação *Amoris Laetitia*, resultado do Sínodo dos Bispos e de ampla consulta sobre este tema. É uma ampla dissertação, partindo da premissa de que a alegria do amor vivido nas famílias é também o júbilo da Igreja. A força da família reside essencialmente na sua capacidade de amar e ensinar a amar³³. Muitas situações e questões contemporâneas são contempladas, lançando luzes sobre a vida familiar concreta. A Exortação está longe de ser um texto doutrinário abstrato e frio. A grande novidade está na forte sensibilidade pastoral, com matizes muito cuidadosos na aplicação da doutrina. Para o papa, nem todas as discussões doutrinárias, morais e pastorais devem ser resolvidas com intervenção do magistério³⁴. Naturalmente, é necessária na Igreja uma unidade de doutrina e práxis, mas isso não impede que haja diferentes maneiras de interpretar alguns aspectos da doutrina ou algumas consequências que dela decorrem. Em cada país ou região, pode-se buscar soluções mais inculturadas, atentas às tradições e aos desafios locais³⁵.

Francisco faz um forte alerta contra o ímpeto moralista e o clericalismo, que muitas vezes reina em ambientes católicos, visando promover o devido respeito à consciência e à autonomia dos fiéis:

(...) nos custa dar espaço à consciência dos fiéis, que muitas vezes respondem o melhor que podem ao Evangelho no meio dos seus limites, e são capazes de realizar o seu próprio discernimento perante situações onde se rompem todos os esquemas. Somos chamados a formar as consciências, não a pretender substituí-las³⁶.

³² FRANCISCO. *Mensagem do papa Francisco ao congresso internacional de teologia junto da Pontifícia Universidade Católica*. 1-3 set. 2015.

³³ FRANCISCO. *Exortação pós-sinodal Amoris Laetitia*. Roma, 2016, n. 1 e 53.

³⁴ FRANCISCO, AL, n. 3.

³⁵ FRANCISCO, AL, n. 3.

³⁶ FRANCISCO, AL, n. 37.

Nessa mesma linha, a formação moral das novas gerações deve realizar-se de forma indutiva, de modo que um filho e uma filha possam chegar a descobrir por si mesmos a importância de determinados valores, princípios e normas, em vez de se impor a eles como verdades indiscutíveis por seus pais³⁷.

Em toda e qualquer circunstância, perante quem tenha dificuldade de viver plenamente a lei de Deus, deve ressoar o convite para percorrer a *via caritatis*, o caminho do amor. A caridade fraterna é a primeira lei dos cristãos, conforme o mandamento de Jesus: “amai-vos uns aos outros, como eu vos amo” (Jo 15,12). Ela constitui a plenitude da lei (Gl 5,14). Sem diminuir o ideal evangélico, deve-se acompanhar com misericórdia e paciência as possíveis etapas de crescimento das pessoas, que se constroem dia a dia. A misericórdia do Senhor nos incentiva a praticar o bem possível³⁸. É preciso abrir o coração aos que vivem nas mais variadas “periferias existenciais”. Os pastores são convidados a escutar com carinho e serenidade, com o desejo sincero de entrar no âmago do drama das pessoas e compreender o seu ponto de vista, para ajudá-las a viver melhor e reconhecer o seu lugar na igreja³⁹.

Não se pode dizer que todos os que estão numa situação chamada “irregular” vivem em estado de pecado mortal, privados da graça santificante⁴⁰. Um pastor não pode estar satisfeito apenas com a aplicação da lei moral aos que vivem nessa situação, como se fossem pedras atiradas contra a vida das pessoas. Por causa de condicionamentos ou de fatores atenuantes, pode-se viver na graça de Deus, amar e também crescer na vida da graça e da caridade, recebendo para isso a ajuda da Igreja que pode incluir os sacramentos. Por isso, deve-se lembrar aos sacerdotes que o confessionário, onde comumente se ministra o sacramento da penitência, não é uma sala de tortura, mas o lugar da misericórdia do Senhor. E a eucaristia não é um prêmio para os perfeitos, mas um remédio generoso e um alimento

³⁷ FRANCISCO, AL, n. 264.

³⁸ FRANCISCO, AL, n. 306 e 308.

³⁹ FRANCISCO, AL, n. 312.

⁴⁰ FRANCISCO, AL, n. 301.

aos fracos, aos que necessitam⁴¹.

A questão do acesso aos sacramentos por parte dos que vivem em situação irregular, sobretudo os divorciados recasados, foi bastante polêmica desde a convocação do Sínodo. Há décadas que fiéis, pastores e teólogos buscam soluções para isso. Francisco não dá uma solução taxativa e abrangente, mas abre caminho aos pastores para que, no acompanhamento dos fiéis e no respeito ao seu discernimento, possam lhes ministrar os sacramentos. As considerações sobre os fiéis em situação irregular aplicam-se também aos que vivem em outras configurações familiares, como pais não casados e uniões do mesmo sexo.

As uniões dos LGBT+ também tem relação com a chamada “ideologia de gênero”, tratada na *Amoris Laetitia*. As ressalvas da alta hierarquia católica, feitas nas últimas décadas sobre este assunto, estão contempladas no Relatório Final do Sínodo da Família, e ratificadas na Exortação Pós-sinodal. Afirma-se que esta ideologia:

[...] nega a diferença e a reciprocidade natural de homem e mulher. Prevê uma sociedade sem diferenças de sexo, e esvazia a base antropológica da família. Esta ideologia leva a projetos educativos e diretrizes legislativas que promovem uma identidade pessoal e uma intimidade afetiva radicalmente desvinculadas da diversidade biológica entre homem e mulher. A identidade humana é determinada por uma opção individualista, que também muda com o tempo. Preocupa o facto de algumas ideologias deste tipo, que pretendem dar resposta a certas aspirações por vezes compreensíveis, procurarem impor-se como pensamento único que determina até mesmo a educação das crianças. É preciso não esquecer que sexo biológico (*sex*) e função sociocultural do sexo (*gender*) podem-se distinguir, mas não separar⁴².

Este conjunto de proposições chamado ideologia de gênero não é defendido por um autor específico, mas se trata sim de um agrupamento de afirmações consideradas inaceitáveis, oriundas de mais de um autor. Algo semelhante aconteceu na condenação do modernismo, feita pela alta hierarquia católica no início do século XX. Não havia um autor que defendesse

⁴¹ FRANCISCO, *AL*, n. 305 e nota 351.

⁴² FRANCISCO, *AL*, n. 56.

ao mesmo tempo todas as proposições então condenadas sob o título de modernismo.

Algumas questões específicas da homossexualidade, por sua vez, são colocadas lembrando que a Igreja deve assumir o comportamento de Jesus. Ele se oferece por todos sem exceção, com um amor sem fronteiras. Às famílias que têm filhos homossexuais, reafirma-se que cada pessoa, independentemente da própria orientação sexual, deve ser acolhida e respeitada na sua dignidade, evitando-se toda discriminação injusta, agressão e violência. Um respeitoso acompanhamento deve ser assegurado, para que todos os que manifestam a tendência homossexual disponham da ajuda necessária para compreender e realizar plenamente a vontade de Deus em sua vida⁴³. Portanto, a acolhida de pessoas homossexuais, já ensinada no Catecismo⁴⁴, é trazida para o contexto das famílias com filhos homossexuais, onde isso é mais urgente. Porém, não se aceita a equiparação das uniões homossexuais ao matrimônio, por não haver comparação entre tais uniões e o desígnio divino sobre o matrimônio e a família. Não se aceita também que haja pressão de organismos internacionais, condicionando a ajuda financeira a países pobres à introdução de leis nesse sentido⁴⁵.

Para se ampliar a reflexão sobre questões de gênero, que envolvem também orientação sexual, convém questionar se a oposição à chamada ideologia de gênero⁴⁶ se aplica ou não à cidadania da população LGBT+. Em primeiro lugar, a diferença e a reciprocidade natural entre homem e mulher não vale para pessoas homossexuais. Incentivar gays, bissexuais e lésbicas a contraírem união com pessoa de outro sexo, não realiza o sacramento do matrimônio, mas sim uniões nulas. Este sacramento em tais circunstâncias é inválido, conforme o direito eclesiástico⁴⁷. Muitas vezes não há só incentivo para contrair união heterossexual, mas forte constrangimento resultante da homofobia em determinados ambientes familiares e sociais, onde a única opção aceita é esta forma de união. Também isto torna inválido o

⁴³ FRANCISCO, AL, n. 250.

⁴⁴ CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, n. 3528.

⁴⁵ FRANCISCO, AL, n. 251.

⁴⁶ FRANCISCO, AL, n. 56.

⁴⁷ CÓDIGO de Direito Canônico. Braga: Secretariado Nacional do Apostolado da Oração, 1983, Cân. 1095, n. 3.

sacramento.

Em segundo lugar, a identidade pessoal e a intimidade afetiva de pessoas LGBTQ+ em seus relacionamentos não está radicalmente desvinculada da diversidade biológica entre homem e mulher, mas profundamente vinculada a esta diversidade que é muito mais complexa. Biologicamente, não há somente pessoas cisgênero (identificadas com o sexo que lhes é atribuído ao nascer) e heterossexuais. Há também pessoas transgênero (travestis ou transexuais), homo e bissexuais, embora esta realidade não seja apenas biológica. Em terceiro lugar, reconhecer-se LGBTQ+ nunca é uma opção, e muito menos individualista; mas é a verdade que se impõe na vida de tantas pessoas, muitas vezes contrariando duramente o que elas mesmas e seus familiares desejaram⁴⁸. Em quarto lugar, não se trata de separar sexo biológico (*sex*) e função sociocultural do sexo (*gender*), mas de considerar também o papel do cérebro na biologia do sexo, sem reduzir o sexo simplesmente à anatomia e à genitália⁴⁹.

Pronunciamentos recentes

Uma nova compreensão a respeito das uniões entre pessoas do mesmo sexo se delineia em um documento romano sobre as Sagradas Escrituras. Mesmo afirmando que não há exemplo do seu reconhecimento legal na tradição bíblica, tais uniões não são condenadas:

Há algum tempo, em particular na cultura ocidental, manifestaram-se vozes dissidentes em relação à abordagem antropológica da Escritura, do modo como é compreendida e transmitida pela Igreja nos seus aspectos normativos. Tudo isso é julgado como simples reflexo de uma mentalidade arcaica e historicamente condicionada. Sabemos que diversas afirmações bíblicas, em âmbito cosmológico, biológico e sociológico, foram gradualmente consideradas ultrapassadas pela progressiva afirmação das ciências naturais e humanas;

⁴⁸ LIMA, L. *Teologia e os LGBTQ+*: perspectiva histórica e desafios contemporâneos. Petrópolis, RJ: Vozes, 2021, p. 158-159. LEERS, B.; TRASFERETTI, J. *Homossexuais e ética cristã*. Campinas: Átomo, 2002. SALZMAN, T.; LAWLER, M. *A pessoa sexual: por uma antropologia católica renovada*. São Leopoldo: Unisinos, 2012.

⁴⁹ HERCULANO-HOUZEL, S. O cérebro homossexual. *Mente & cérebro*, nº165, 2006, p. 46-51.
Fronteiras, Recife, v. 4, n. 2, p. 374-397, jul./dez., 2021

analogamente - deduzem alguns - uma compreensão nova e mais adequada da pessoa humana impõe uma radical reserva em relação à exclusiva valorização da união heterossexual, em favor de uma análoga acolhida da homossexualidade e das uniões homossexuais como expressão legítima e digna do ser humano⁵⁰.

Em seguida, o documento trata de textos da Bíblia usados para condenar a prática da homossexualidade, incluindo os mencionados no Catecismo⁵¹, mostrando outras interpretações não condenatórias⁵². Tais posições são mencionadas sem adesão e sem rejeição. Manifestam uma liberdade de pensamento na Igreja seguindo a linha do Concílio: “que haja no necessário a unidade, na dúvida a liberdade e em tudo a caridade”⁵³. Este documento da Pontifícia Comissão Bíblica traz uma importante novidade, que é situar a questão da homossexualidade na perspectiva da evolução da doutrina. Há um nítido sinal de mudança em curso.

Aceitar novas interpretações da Bíblia não é novidade na história recente da Igreja Católica. Mas por muitos séculos interpretou-se literalmente o texto bíblico em diversos âmbitos, na suposição de que a inspiração divina o isentava de erro. Ensinou-se oficialmente que: o mundo foi feito em seis dias, a terra era imóvel, o homem veio direto do pó da terra, a mulher veio da costela do homem e deveria ser-lhe submissa. Este apego literal às Escrituras, contra os métodos científicos de sua interpretação, veio a se chamar fundamentalismo. Felizmente a Igreja Católica já o superou nestes temas. Hoje o magistério alerta contra o risco de se conduzir os fiéis a falsas certezas, advindas da interpretação literal, e adverte: “o fundamentalismo convida, sem dizê-lo, a uma forma de suicídio do pensamento”⁵⁴. É chegado o momento de considerar outros temas. Deus fez o homem e a mulher, sim, mas nem todos heterossexuais e cisgênero. Há também pessoas homossexuais, bissexuais e transgênero.

Outro passo inovador é o documentário *Francesco*, de 2020, produzido

⁵⁰ PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA. “*Che cosa è l’uomo?*” (Sal 8,5): un itinerario di antropologia bíblica. Vaticano, 2019, n. 185.

⁵¹ Gn 19,1-29; Rm 1,24-27; 1Cor 6,10; 1Tim 1,10.

⁵² PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA. “*Che cosa è l’uomo?*”, n. 185-195.

⁵³ CONCÍLIO VATICANO II, GS, n. 92.

⁵⁴ PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA. *A interpretação da Bíblia na Igreja*. Roma, 1993, parte I, F.

pelo cineasta russo Evgeny Afineevsky, com declarações do papa em favor de pessoas homossexuais e suas uniões. Em trechos de uma entrevista editada, Francisco diz: “Os homossexuais têm direito de fazer parte da família. São filhos de Deus e têm direito a uma família. Ninguém pode ser expulso da família, e a vida dessas pessoas não pode se tornar impossível por esse motivo”. E em seguida: “O que precisamos é criar uma lei de convivência civil, pois elas têm o direito de estar cobertas legalmente. Eu defendi isso”. O documentário mostra também o católico italiano Andrea Rubera que, com seu companheiro, têm três filhos. Rubera escreveu ao papa, dizendo que queria levar seus filhos à paróquia, mas tinha medo de que eles fossem discriminados e sofressem traumas. Francisco lhe telefonou e apoiou dizendo: “Por favor, leve seus filhos à paróquia, seja transparente com a paróquia a respeito de sua família. Certamente nem todos estarão de acordo com uma família assim, mas vai ser bom para as crianças”. E Rubera conta que foi um grande conselho, pois já é o terceiro ano que seus filhos frequentam a paróquia e tudo vai bem⁵⁵.

Neste diálogo, o papa utiliza o termo família em sentido lato, abrangendo a união homossexual e seus filhos. É uma linguagem coloquial em contexto pastoral, e não o sentido estrito que tem na doutrina católica. Mas é uma configuração familiar que merece proteção legal e acolhimento da comunidade eclesial.

O documentário teve uma repercussão notável, acompanhada de controvérsias. O Vaticano emitiu então uma nota de esclarecimento sobre as partes da entrevista do papa: no seio de sua família de origem, um homossexual nunca deve ser discriminado. Sobre a lei de convivência civil, trata-se da proteção legal para uniões homossexuais, defendida pelo então arcebispo de Buenos Aires como alternativa ao casamento igualitário, que equiparava plenamente a união homossexual à união heterossexual⁵⁶. De fato, quando Bergoglio era arcebispo, o governo argentino havia decidido admitir o

⁵⁵ LIMA, L. O Papa, os Gays e o Ídolo da Doutrina Imutável. *IHU*, 28 out. 2020. Disponível em: www.ihu.unisinos.br; PIQUÉ, E. El Papa pidió una ley de convivencia civil para los gays: “tienen derecho a estar cubiertos legalmente”. *La Nacion*, 21 out. 2021. Disponível em: <www.lanacion.com.ar>.

⁵⁶ REYES, H. Francisco aparta al Dicasterio de Comunicación de la gestión de la crisis por las uniones civiles. *Religión digital*, 2 nov. 2021. Disponível em: <www.religiondigital.org>.

casamento para uniões do mesmo sexo. Bergoglio fez forte oposição pública, mas, segundo algumas testemunhas, era a favor da união civil como alternativa ao casamento homossexual. Estava convencido de que esta união era uma forma de se ampliar direitos civis. Porém encontrou grande resistência por parte de Roma e ambiguidade por parte do clero argentino, o que o levou na época a renunciar a suas ideias mais abertas⁵⁷.

Na época, Roma exortava a fazer intensa oposição ao reconhecimento legal de uniões entre pessoas do mesmo sexo: “Em presença do reconhecimento legal das uniões homossexuais ou da equiparação legal das mesmas ao matrimônio, com acesso aos direitos próprios deste último, é um dever opor-se-lhe de modo claro e incisivo”⁵⁸. Alegava que: “Há [...] razões válidas para afirmar que tais uniões são nocivas a um reto progresso da sociedade humana, sobretudo se aumentasse a sua efetiva incidência sobre o tecido social”⁵⁹. Mas houve uma concessão parcial, ainda que com ressalvas. Em caso de pessoas homossexuais conviventes, podem-se reconhecer direitos com proteção legal para situações de interesse recíproco⁶⁰.

Francisco falou novamente sobre este assunto, dizendo que se um casal homossexual quer viver sua vida junto, os Estados têm possibilidade de apoiá-lo civilmente. E citou como exemplo uma lei francesa⁶¹. E que: “se existe um casal homossexual, podemos fazer pastoral com eles, avançar no encontro com Cristo”⁶². A posição do papa hoje é inegavelmente uma mudança doutrinária.

Considerações finais

A história da família mostra uma longa evolução até se chegar ao modelo ideal adotado pela Igreja Católica. Esta evolução não terminou, e hoje se enfrenta o desafio de acolher e integrar novas configurações

⁵⁷ MARTEL, F. *No armário do Vaticano*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2019, p. 88.

⁵⁸ CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. *Considerações sobre os projetos de reconhecimento legal das uniões entre pessoas homossexuais*. Roma, 2003, n. 5.

⁵⁹ CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ, 2003, n. 8

⁶⁰ CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ, 2003, n. 5 e 9.

⁶¹ FRANCISCO. *Coletiva de imprensa do santo padre durante o voo de regresso*. 15 set. 2021.

⁶² FRANCISCO. “A liberdade nos assusta”. Íntegra da conversa do Papa Francisco com os jesuítas eslovacos. *IHU*, 22 set. 2021.

familiares, incluindo as uniões dos LGBT+. Nas questões de gênero e orientação sexual resta muito a ser feito no mundo católico para se trilhar o caminho aberto pelo Concílio Vaticano II, de releitura do Evangelho na perspectiva da cultura contemporânea. A filósofa Judith Butler, conhecida por seus estudos de gênero, afirma que é preciso construir um mundo em que as pessoas possam viver e respirar dentro da sua própria sexualidade e do seu próprio gênero. É necessário que a complexidade existente possa ser reconhecida, e o medo da marginalização, da patologização e da violência seja radicalmente eliminado⁶³. Este propósito é perfeitamente compatível com o humanismo cristão, pois Jesus oferece o seu jugo leve e o seu fardo suave. A Campanha da Fraternidade Ecumênica de 2021 também aponta nesta direção ao alertar contra o homicídio da população LGBT+ e suas causas: o discurso de ódio, o fundamentalismo religioso e as vozes que se opõem ao reconhecimento de direitos desta população⁶⁴.

A bem da verdade, vários ambientes católicos não são receptivos aos LGBT+. Além de pregações homotransfóbicas, não raro se recorre à “oração de cura e libertação” para supostamente se mudar a orientação sexual e a identidade de gênero destas pessoas. Tudo isto é um mal devastador, que além de causar tristeza profunda, pode levar à depressão e ao suicídio. É preciso fugir dos padres rígidos, como alertou o papa. E não só dos padres, mas também dos leigos e dos religiosos igualmente rígidos. Os LGBT+ devem ser afastados dos ambientes tóxicos para o seu próprio bem, e conduzidos a ambientes acolhedores, quer seja dentro ou fora da Igreja. Porém, uma vez fortalecidos, os LGBT+ e seus aliados podem colaborar para que a Igreja e a sociedade mudem para melhor. Um ambiente verdadeiramente cristão jamais deve ser tóxico.

Um grupo LGBT católico surgido no Brasil há quinze anos, o Diversidade Católica, adotou como lema: sejamos uns para os outros a Igreja que nós sonhamos. Isto se inspirou em uma frase atribuída equivocadamente ao líder indiano Mahatma Gandhi: “seja a mudança que você quer ver no

⁶³ BUTLER, J. La invención de la palabra (entrevista a Milagros Belgrano R.). *Página 12*, 8 mai. 2009. Disponível em: <www.pagina12.com.ar>.

⁶⁴ CONIC/CNBB. *Campanha da fraternidade ecumênica 2021: texto-base*. Brasília: CNBB, 2020, n. 68. Disponível em: <https://www.conic.org.br/portal/files/cf_texto_base_2021.pdf>
Fronteiras, Recife, v. 4, n. 2, p. 374-397, jul./dez., 2021

mundo”. Na verdade, esta frase é originalmente da educadora norte-americana Arleen Lorraine, que disse: “seja a mudança que você quer ver acontecer”⁶⁵. A Igreja em saída que vai às periferias existenciais, promovida pelo papa Francisco, só existirá de fato se isto acontecer nas comunidades locais e nas práticas cotidianas. Ela depende muito da iniciativa dos fiéis conscientes de seu lugar na igreja, e que dele não desistam, bem como de pastores sensíveis aos dramas humanos e capazes de ajudar os fiéis a viverem melhor.

A reflexão teológica e a sensibilidade pastoral podem ajudar muito a enfrentar o discurso de ódio e o fundamentalismo religioso contra a população LGBT+, bem comum favorecer o reconhecimento de seus direitos. Na consciência destas pessoas também está o “sacrário” onde Deus está presente e se manifesta. Por meio dela, muitos respondem o melhor que podem ao Evangelho no meio dos seus limites. Elas e eles em suas uniões, mesmo em situações chamadas “irregulares”, devem saber que podem viver na graça de Deus, amar e também crescer na vida da graça e da caridade. A capacidade de amar e ensinar a amar, onde reside essencialmente a força da família, também deve estar presente nas outras uniões. Se não se pode conservar a doutrina sem fazê-la progredir, que progressos devem ser feitos em relação aos LGBT+ e suas uniões? Se não se pode prendê-la a uma leitura rígida e imutável sem humilhar a ação do Espírito Santo, onde estão as amarras da rigidez que humilham o Espírito? Para responder, convém considerar não só o que a Igreja ensina, mas também os dons que os LGBT+ trazem à Igreja e ao mundo, bem como o que o Espírito Santo diz à comunidade cristã através das histórias de vida dos LGBT+. Tudo isto contribui para melhor acolher, orientar e incluir.

Para finalizar, convém lembrar a abertura do Concílio Vaticano II, em que o papa João XXIII fez uma advertência enérgica contra os profetas da catástrofe: só veem prevaricação e ruína, sempre anunciando acontecimentos infelizes como se o fim do mundo fosse iminente. Eles repetem que em nossa época, em comparação com as passadas, as coisas só pioraram; e “portam-se

⁶⁵ BUZZKILL. Arleen Lorraine “Be the Change...” *Special Episode!* 2020. Disponível em: <professorbuzzkill.com/arleen-lorraine-be-the-change>.

como quem nada aprendeu da história”⁶⁶. Também hoje há profetas da catástrofe, com diferentes matizes, que disseminam o pânico moral e obstinadamente enxergam em tudo ameaças de destruição da família e da sociedade. Para eles, nada deve mudar e só resta à Igreja Católica reiterar dogmas, preceitos e proibições.

O papa Francisco recordou a célebre advertência de seu antecessor sobre tais profetas, e mostrou exatamente o oposto deste catastrofismo, que é a perspectiva positiva: o olhar de quem crê é capaz de reconhecer a luz do Espírito Santo irradiando na escuridão, de entrever o vinho em que a água pode ser transformada, e de descobrir o trigo que cresce no meio do joio⁶⁷. É chegado o momento de se reconhecer esta luz, de se entrever este vinho e de se descobrir este trigo nos caminhos que favorecem o acolhimento dos LGBT+ e suas uniões, bem como a sua cidadania na Igreja e na sociedade.

Referências

AZEREDO, C. *O conceito de família: origem e evolução*. Instituto Brasileiro de Direito de Família (IBDFAM), 2020. Disponível em: <ibdfam.org.br>.

BUTLER, J. La invención de la palabra (entrevista. a Milagros Belgrano R.). *Página 12*, 8 mai. 2009. Disponível em: <www.pagina12.com.ar>.

BUZZKILL. *Arleen Lorraine “Be the Change...” Special Episode!* 2020. Disponível em: <professorbuzzkill.com/arleen-lorraine-be-the-change>.

CÓDIGO de Direito Canônico. Braga: Secretariado Nacional do Apostolado da Oração, 1983. Disponível em: <www.vatican.va>.

CONCÍLIO VATICANO II. *Decreto Unitatis Redintegratio sobre o ecumenismo*. Roma, 1964. Disponível em: <www.vatican.va>.

CONCÍLIO VATICANO II. *Constituição Dogmática Dei Verbum sobre a revelação divina*. Roma, 1965. Disponível em: <www.vatican.va>.

CONCÍLIO VATICANO II. *Declaração Dignitatis Humanae sobre a liberdade*

⁶⁶ JOÃO XXIII. *Discurso de sua santidade papa João XXIII na abertura solene do SS. Concílio*. Roma, 11 out. 1962, IV, n. 2-3.

⁶⁷ FRANCISCO, *EG*, n. 84.

religiosa. Roma, 1965. Disponível em: <www.vatican.va>.

CONCÍLIO VATICANO II. *Constituição pastoral Gaudium et Spes sobre a Igreja no mundo atual*. Roma, 1965. Disponível em: <www.vatican.va>.

CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. *Considerações sobre os projetos de reconhecimento legal das uniões entre pessoas homossexuais*. Roma, 2003. Disponível em: <www.vatican.va>.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. Roma: 1997 (primeira edição, provisória: 1992). Disponível em: <www.vatican.va>.

CNBB. *Comunidade de comunidades: uma nova paróquia*. Brasília: CNBB, 2014.

CONIC/CNBB. *Campanha da fraternidade ecumênica 2021: texto-base*. Brasília: CNBB, 2020. Disponível em: <https://www.conic.org.br/portal/files/cf_texto_base_2021.pdf>.

CUÉ, C. El Papa me pidió perdón, está espantado con los abusos, esto es un tsunami. *El país*, 19 mai. 2018. Disponível em: <www.elpais.com>.

Declaração Universal dos Direitos Humanos. Nova Iorque: ONU, 1948. Disponível em: <www.dhnet.org.br/direitos/deconu/textos/integra.htm>.

FRANCISCO. *Exortação apostólica Evangelii Gaudium*. Roma, 2013. Disponível em: <www.vatican.va>.

FRANCISCO. *Encontro do santo padre com os jornalistas durante o voo de regresso do Brasil*. 28 jun. 2013. Disponível em: <www.vatican.va>.

FRANCISCO. *Entrevista ao papa Francisco: Pe. Antonio Spadaro*. 19 ago. 2013. Disponível em: <www.vatican.va>.

FRANCISCO. *Carta do papa Francisco por ocasião do centenário da Faculdade de Teologia da Pontifícia Universidade Católica argentina*. 3 mar. 2015. Disponível em: <w2.vatican.va>.

FRANCISCO. *Mensagem do papa Francisco ao congresso internacional de teologia junto da Pontifícia Universidade Católica*. Buenos Aires, 1-3 set. 2015. Disponível em: <w2.vatican.va>.

FRANCISCO. *Discurso do papa Francisco aos participantes no congresso promovido pela congregação para o clero, por ocasião do cinquentenário dos decretos conciliares Optatam Totius e Presbyterorum Ordinis*. Roma, 20 nov. 2015. Disponível em: <w2.vatican.va>.

FRANCISCO. *Exortação pós-sinodal Amoris Laetitia (AL)*. Roma, 2016. Disponível em: <www.vatican.va>.

FRANCISCO. *Conferência de imprensa do santo padre durante o voo Baku-Roma*. 2 out. 2016. Disponível em: <w2.vatican.va>.

FRANCISCO. *Discurso do papa Francisco aos participantes no encontro por ocasião do XXV aniversário do Catecismo da Igreja Católica*. Promovido pelo Pontifício Conselho para a Promoção da Nova Evangelização. Roma, 11 out. 2017. Disponível em: <w2.vatican.va>.

FRANCISCO. *Coletiva de imprensa do santo padre durante o voo de regresso*. 15 set. 2021. Disponível em: <www.vatican.va>.

FRANCISCO. “A liberdade nos assusta”. Íntegra da conversa do Papa Francisco com os jesuítas eslovacos. *IHU*, 22 set. 2021. Disponível em: <www.ihu.unisinos.br>.

HERCULANO-HOUZEL, S. O cérebro homossexual. *Mente & cérebro*, nº165, 2006, p. 46-51.

HERNÁNDEZ, A. El bendito encuentro entre Francisco y Diego. *Hoy*, 26 jan. 2015. Disponível em: <www.hoy.es>.

JOÃO XXIII. *Discurso de sua santidade papa João XXIII na abertura solene do SS. Concílio*. Roma, 11 out. 1962. Disponível em: <www.vatican.va>.

JOÃO XXIII. *Carta encíclica Pacem in Terris*. Roma, 1963. Disponível em: <www.vatican.va>.

LEERS, B.; TRASFERETTI, J. *Homossexuais e ética cristã*. Campinas: Átomo, 2002.

LIMA, L. O Papa, os Gays e o Ídolo da Doutrina Imutável. *IHU*, 28 out. 2020. Disponível em: <www.ihu.unisinos.br>.

LIMA, L. *Teologia e os LBGT+: perspectiva histórica e desafios contemporâneos*. Petrópolis: Vozes, 2021,

MARTEL, F. *No armário do Vaticano*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2019.

PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA. *A interpretação da Bíblia na Igreja*. Roma, 1993. Disponível em: <www.vatican.va>.

PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA. “*Che cosa è l’uomo?*” (*Sal 8,5*): un itinerario di antropologia bíblica. Vaticano, 2019. Disponível em: <www.vatican.va>.

PIO XI. *Carta encíclica Casti Connubii sobre el matrimonio cristiano*. Roma, 1930. Disponível em: <w2.vatican.va>.

PIQUÉ, E. El Papa pidió una ley de convivencia civil para los gays: “tienen derecho a estar cubiertos legalmente”. *La Nacion*, 21 out. 2021. Disponível em: <www.lanacion.com.ar>.

REYES, H. Francisco aparta al Dicasterio de Comunicación de la gestión de la crisis por las uniones civiles. *Religión digital*, 2 nov. 2021. Disponível em: <www.religiondigital.org>.

SALZMAN, T.; LAWLER, M. *A pessoa sexual: por uma antropologia católica renovada*. São Leopoldo: Unisinos, 2012.

Trabalho submetido em 10/10/2021.
Aceito em 21/12/2021.

Luís Corrêa Lima

Doutor em História pela Universidade de Brasília (UNB). Mestre em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Graduado em administração pela FGV-SP, em Filosofia e em Teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE). Atualmente é professor do Departamento de Teologia da PUC-Rio, e membro do seu programa de pós-graduação. Desenvolve pesquisa sobre história da Igreja, modernidade, gênero e diversidade sexual. Email: lclima@puc-rio.br